



A LITERATURA CABO-VERDIANA: UM PERCURSO TRAÇADO PELA PESQUISADORA SIMONE CAPUTO GOMES¹

Katria Gabrieli Fagundes Galassi

Universidade Federal do Rio de Janeiro

katria.galassi@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0009-0009-5957-0239>

Simone Caputo Gomes

Universidade de São Paulo

simonecaputog@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4893-2937>

DOI

10.35520.mulemba.2025.v17n32e66680

Recebido: 5 jan. 2025

Aprovado: 3 mar. 2025



A Mulemba adota a licença Creative Commons

Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

¹ Entrevista com a Professora Simone Caputo Gomes concedida a Katria Gabrieli Fagundes Galassi na data de 21 de setembro de 2023.

1. *Para iniciarmos, como surgiu seu interesse por Cabo Verde e, mais especificamente, pela obra do poeta Daniel Filipe?*

Meu interesse surgiu por volta de 1976 (logo após a independência de Cabo Verde), quando comecei a ler textos para um projeto de dissertação de Mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) com o tema do discurso amoroso na poesia portuguesa. Na época, tive uma verdadeira “iluminação” ao encontrar uma obra chamada *A invenção do amor e outros poemas*, de Daniel Filipe. Os poemas contavam a história de um contágio amoroso que partiu de um casal no meio da cidade, uma verdadeira epidemia que se alastrava. E a relação com a situação política de Portugal e das colônias na época da escritura era incontornável, apoiada na concepção do amor (simbolizado por uma “flor vermelha”) como um discurso de esquerda, antifascista, anticolonial. Para minha surpresa, ao pesquisar sua biografia, verifiquei que o poeta era um cabo-verdiano residente em Portugal, vivendo, portanto, na diáspora, o fascismo e o colonialismo ao mesmo tempo.

Encantei-me com o texto e passei a ler toda a obra de Daniel Filipe a partir de um poema que era declamado na clandestinidade, que era cantado, como bandeira revolucionária.

Defendi a dissertação em 1979 (em termos cronológicos, o primeiro trabalho, em nível de Pós-graduação *stricto sensu* defendido no Brasil na área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e o segundo no mundo), como texto acadêmico pioneiro. Mais tarde, ao iniciar uma coleção chamada TESE, o Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco convidou-me a publicar a dissertação como volume fundador, homenageando, para minha felicidade, um trabalho considerado por Cabo Verde como basilar para a área de estudos.

2. *Como era o acesso à literatura cabo-verdiana na década de 70?*

Era esporádico, bastante difícil, quase braças (sem internet, lembremos) figurando textos cabo-verdianos, sobretudo de poesia, em antologias e em obras ensaísticas panorâmicas de textos das cinco colônias africanas de língua portuguesa. Para pesquisar e para elaborar minha dissertação sobre um autor cabo-verdiano, tive que usar o sistema de empréstimo com Benjamin Pinto-Bull (que conheci em evento no Brasil) e, sobretudo, Manuel Ferreira, com quem mantive correspondência regular e, sendo ele um entusiasta da minha proposta de trabalho (Cabo Verde na obra de Daniel Filipe, considerado então um autor pertencente ao cânone português), obtive mais tarde uma Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para desenvolvimento da investigação sob sua orientação. Anteriormente, tinha obtido uma bolsa com Mário António Fernandes de Oliveira para o estudo da poesia das colônias, futuros Países Africanos de Oficial Língua Portuguesa.

Naquela década de 1970, o Professor Manuel Ferreira afirmava, em carta, que meu trabalho era o primeiro no mundo sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no

que toca a dissertações e teses, mas descobri posteriormente uma tese de Norman Araújo na década de sessenta, nos Estados Unidos da América, panorâmica da literatura cabo-verdiana.

A professora Benilde Caniato inaugurou a década de 1980 com uma dissertação de Mestrado sobre a Literatura de Cabo Verde na Universidade de São Paulo. Fomos, eu e ela, pioneiras na área no quesito defesa de dissertações e teses acadêmicas em território brasileiro.

3. *Sabe-se que as mulheres demoraram a publicar em Cabo Verde. Entretanto, em algum momento os escritores já conhecidos e conceituados, que já estavam em diálogo com o mundo, citaram essas mulheres nos seus debates e textos ou elas tiveram sua visibilidade tardia de fato, mesmo entre seus colegas de profissão?*

A visibilidade foi tardia, e eu historio isto num ensaio intitulado “A escrita literária de Dina Salústio e Vera Duarte: resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina”, publicado inicialmente na revista *Interdisciplinar* (v. 32: Ano XIV - jul-dez de 2019), em que venho, desde a década de 1960 (conferir *Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea*, organizada por Baltasar Lopes, 1960), acompanhando a quase total invisibilidade da escritura de autoria feminina no sistema literário cabo-verdiano, seus impasses e resistências. De Antónia Gertrudes Pusich (esquecidíssima como primeiro/a escritor/escritora a publicar, em Lisboa, quando ainda não havia sequer prelo nas colônias) a Dina Salústio e Vera Duarte, teço um panorama histórico sobre um outro olhar sobre o cânone, de perspectivas e temas do cotidiano feminino, denúncias, posturas, propostas.

Demonstro, naquele ensaio, que as antologias literárias ao longo da trajetória da literatura cabo-verdiana, com insistência de uma perspectiva masculina, persiste até os nossos dias, com positivas exceções, e mapeio a resistência das escritoras – e das pesquisas e críticas acadêmicas sobre a produção literária de autoria feminina – à insistência patriarcal do cânone como expresso nas antologias e em ensaios de história da literatura, que olvidam, por exemplo, a importância de Antónia Gertrudes Pusich como intelectual, defensora de causas de mulheres, proprietária de jornais voltados a temáticas femininas e escritora.

4. *Quando a senhora percebeu que era importante colocar o foco das suas pesquisas e do seu tempo nas obras das escritoras?*

Especialmente a partir da década de 1990, quando comecei a ter contatos pessoais com Orlanda Amarílis, Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Dina Salústio, entre outras escritoras, tendo convivência direta com suas obras, especialmente obras fundadoras das carreiras das três últimas, e iniciei atividades da Bolsa de Pesquisador Visitante pela FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a interlocução (supervisão) de Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco



(apoiando-a, segundo sua fala, na sedimentação do Setor de Literaturas Africanas que hoje completa 30 anos), abordando a literatura cabo-verdiana de autoria feminina, o histórico da situação social feminina em Cabo Verde, a captação as imagens de mulheres nas artes plásticas e na música daquele país. Como propunha a ficcionista Sara Almeida, propus-me a captar na literatura este “outro olhar”: “Outro olhar. [...] Eu, a mulher, questionando os papéis que a sociedade me impõe” (Depois telefone, 1993, p. 63).

Lancei no Brasil, em cursos de Pós-graduação e extensão na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Universidade Federal Fluminense e na Universidade de São Paulo, em orientações de dissertações e teses, bem como em ensaios e apresentações em eventos, várias (novas) autoras, à época, como as citadas Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Dina Salústio, além de resgatar nomes que vinham publicando desde o *Almanaque de lembranças luso-brasileiro 1851-1900* (volume 1), como (por ordem cronológica de aparecimento) Antónia Gertrudes Pusich, Emília dos Martyres Aguiar, Africana (Maria Luísa de Sena Barcelos), Adelaide Maria das Neves, Ida Loff de Fonseca, Carlota Lopes, Adela Nobre Martins. Humilde Camponesa (Gertrudes Ferreira de Lima). Claro que autoras como Orlanda Amarílis, Yolanda Morazzo, Maria Margarida Mascarenhas, Ana Júlia Sança, entre muitas outras, têm sido trazidas à cena em nossos estudos e aulas.

Fazendo um retrospecto histórico para afirmar a necessidade de dar visibilidade cada vez maior à produção feminina (não tão “escassa” quanto se propala) na área das chamadas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa e, especialmente da Literatura Cabo-verdiana, trago à memória, no ensaio citado, uma importante mulher nascida na ilha de São Nicolau, comumente esquecida da crítica, e que inaugura as chamadas publicações africanas (“ultra-marinas”) em língua portuguesa, antes mesmo do surgimento do prelo (1842) nas colônias: Antónia Gertrudes Pusich (1805, São Nicolau-1883, Lisboa). Cabo-verdiana, filha do Almirante António Pusich, de origem croata, primeira mulher a assumir a direção e propriedade de um periódico, fundando ainda três revistas, foi poeta colaboradora do *Almanach de lembranças luso-brasileiro* (a partir de 1854) e do *Almanach luso-africano*.

Uma investigação atenta à produção literária de cabo-verdianos/as espalhados pelas sete partidas do mundo deverá retomar, obrigatoriamente, o nome de Antónia Gertrudes Pusich porque, como ressalta o renomado investigador Manuel Ferreira, da lavra desta cabo-verdiana surge, provavelmente, “a mais antiga obra literária de um autor africano” (Ferreira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, 1977, p. 13), o poemeto “Elegia à memória das infelizes victimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo, na noute de 25 de junho de 1844 (*sic*)”, publicado em Lisboa. Ressalvamos que Ferreira data o poema de 1844, mas, na verdade, o texto se refere ao crime cometido por Francisco de Mattos Lobo em 25 de julho de 1841, sendo estes o mês e o ano prováveis da publicação da obra de Pusich.

Assim, embora se afirme nos manuais mais conhecidos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa que a publicação, em 1849, de *Esportaneidades da minha alma*,

do angolano José da Silva Maia Ferreira, seja a primeira produção africana em Língua Portuguesa, a menção do trabalho de Antónia Pusich, intelectual que iniciou seus escritos literários e políticos por volta de 1841 e com publicações em jornais e revistas portuguesas, realizando ainda numerosas conferências e outras intervenções públicas, já nos incita a um resgate de textos invisíveis no cânone em seu atual estado da arte, publicados por mulheres cabo-verdianas dentro e fora do arquipélago.

5. *O que, à época, mais chamou sua atenção na escrita das mulheres cabo-verdianas?*

Na obra inicial da carreira de Dina Salústio, *Mornas eram as noites*, foram destaques a inserção do cotidiano feminino nos textos, do eu feminino como protagonista de poemas e das personagens mulheres como protagonistas ficcionais, a carga de pedagogia de conscientização feminina na fala de narradoras, o grito emancipatório de mulheres por quebrar os grilhões do patriarcalismo e do machismo predatórios, a denúncia da violência (de toda natureza) contra mulheres e crianças, o destaque ao papel das guerrilheiras, muitas vezes esquecidas das histórias masculinas. Enfim, os posicionamentos da escrita literária de autoria feminina em Cabo Verde com vista a resgatar as mulheres de uma representação (masculina) passiva de suas atuações na história, contando estórias e trajetórias de mulheres a partir de olhares e ações de mulheres.

Uma passagem de um conto de Dina Salústio nos anuncia intenções:

“Sete mulheres. Nenhuma médica, nenhuma pianista, nenhuma atriz, nenhum assunto de notícia. Possivelmente nenhuma delas mulher má.

E se incendiassem a cidade?”

Podemos afirmar que o livro de Dina Salústio, *Mornas eram as noites*, hoje, é um clássico, já traduzido, inclusive, para a língua espanhola e citado em todo o mundo. No Brasil, da minha bagagem vinda de Cabo Verde em 1994 diretamente para as aulas da Universidade Federal Fluminense, e depois Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade de São Paulo, a obra ganhou mais aulas, dissertações de mestrado, teses de Doutorado e continua encantando o público que lê e ouve os textos aparentemente simples, mas de impacto direto e profundo, a marcar a carreira de uma grande escritora.

6. *O que saltou aos seus olhos no texto de Dina?*

Gosto, a respeito, de contar uma estória vivida por nós em 1994, bem ao gosto das estórias de minha amiga-irmã Dina.

Em mais uma viagem de pesquisas ao arquipélago de Cabo Verde, em meio a encontros com escritores e escritoras, fui visitada na casa onde me hospedava, na capital Praia, por Bernardina de Oliveira Salústio, mulher simples, de jeito manso e fala sussurrada, que vinha conversar comigo sobre um livro recém-lançado, a título de entrevista.



O iluminado encontro fez-se conversa fluida, acompanhada de um prazer imenso em conhecer uma produção literária com voz, personagens e temas femininos com cenários do arquipélago (e não somente). Captei, naquela tarde, a partir de *Mornas eram as noites* (edição do Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1994) um novo olhar, agudamente crítico e, diria, incendiário que emanava de textos curtos, intensos e que reverberavam no imaginário do leitor após o fechamento do livro.

A obra *Mornas eram as noites*, verdadeiro presente que me chegou acompanhado de outro presente (a amiga Dina), provocou-me impacto imediato e, ao mesmo tempo, incredulidade, por não conseguir, à época, estabelecer a sintonia entre a suavidade de Bernardina de Oliveira Salústio e a carga de denúncia e mesmo violência que a dicção de Dina Salústio assumia. Hoje compreendo que foram impressões de uma primeira leitura dos textos, ingênua, que por vezes acontece quando se procura, inconscientemente, unir as figuras do autor/autora e do elemento humano que se apresenta por detrás da escritura. Mais tarde, e logo, eu entenderia que a minha amiga Dina defende as causas mais polêmicas e trava as maiores batalhas sem jamais perder a ternura.

Os trinta e cinco contos-crônicas que Dina Salústio apresentava ao público, iniciando suas edições em livro, nada tinham de mornos, como já assinalou Maria Teresa Salgado (“Noites nada mornas de Dina Salústio: a oportunidade do diálogo”, revista *Abril*, Universidade Federal Fluminense, v. 1 n. 1, 2008). Foram uma verdadeira descoberta para mim, que observava a constância com que as pesquisas sobre a Literatura Cabo-verdiana e a crítica literária debruçavam-se sobre textos produzidos por homens, como se o mundo das Letras fosse um domínio masculino.

Escavo então minha memória para recordar a sensação que me tomou de assalto ao degustar o pequeno livro que, ao final de uma análise para divulgá-lo junto aos meus alunos, afigurava-se como um cataclismo. A escrita concisa, generosa à compreensão do leitor, e o olhar agudamente crítico e marcadamente feminino sobre a sociedade cabo-verdiana levaram-me a perceber que aquela coletânea de contos e crônicas, aparente e estrategicamente despretensiosa, estabeleceria um marco na ficção curta cabo-verdiana e, de certo modo, uma fissura no cânone cabo-verdiano estabelecido até o momento.

7. *Em suas visitas a Cabo Verde, o que a senhora observava nas mulheres? Onde estavam as mulheres, quando das suas primeiras visitas ao país?*

Trabalhando, sempre, foi o que observei *in loco* nas nove ilhas habitadas.

E essa trajetória das mulheres foi se intensificando em busca de uma visibilidade de seus protagonismos.

Na cidade, no campo, nos mercados, nas lojinhas, nos liceus, mais tarde nas universidades. Algumas, como no interior das ilhas rurais (interior de Santiago, nas ilhas de



São Nicolau e Santo Antão) a transportar palha à cabeça, a cuidar dos numerosos filhos (*às vezes em meio a muita escassez de meios de sobrevivência*), a acender o fogão de três pedras, a produzir artesanato com lava de vulcão, a trabalhar em núcleos de melhorias dos fogões, de conscientizar sobre métodos de contracepção e proteção contra doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo; outras, na cidade, a vender nos mercados, a policiar a cidade, a advogar, a participar da política, a se dedicar a atividades de cunho social, a escrever e publicar. E as “rabidantes”, a voar para Lisboa e Fortaleza, para comerciar entre Portugal, Brasil e Cabo Verde. Verdadeira ponte feminina.

No espaço privado e no espaço público, meu olhar contemplava mulheres em ação, construindo seu país, sujeitos dignos de admiração e respeito e não apenas objetos de contemplação (lembrando as sucessivas e diversas abordagens que tendiam a objetificar as mulheres, negando ou esquecendo suas atuações na vida civil, política e literária). Mulheres fortes, produtivas.

8. *Qual foi sua última visita ao arquipélago? As mulheres são percebidas integradas com a paisagem de fundo – parafraseando seu projeto de pesquisa –, estão tomando o protagonismo ou estão ainda longe disso, na sua opinião?*

Estive em Cabo Verde como convidada do Festival Literatura-Mundo do Sal, em junho de 2018, com forte participação de escritoras no elenco literário e ensaístico.

As mulheres, em Cabo Verde, estão assumindo rápida e eficazmente seu protagonismo com ações políticas importantes, especialmente logo após a independência. Em minha obra *Cabo Verde: literatura em chão de cultura* (2008) historio esse movimento de emancipação crescente, fazendo confluir as áreas de ação política e literária. A “paisagem”, o contexto, é o fundo onde “a mulher” cabo-verdiana vem se destacando e sobre o qual vem atuando, nos meus estudos.

9. *Na sua opinião e pelo seu vasto conhecimento literário eu gostaria de saber qual escritora feminina mais se aproxima do estilo de escrita e das temáticas abordadas por Dina – pensando nos países dos PALOP e no Brasil também?*

Atualmente, em Cabo Verde, Eileen Barbosa.

No Brasil, gosto de pensar em Adélia Prado, uma escritora do cotidiano das mulheres.

Dina e Eileen, a meu ver, de obras com produção mais próxima do nosso tempo, são mais ácidas nos questionamentos sociais e, claro, no aprofundamento de temas atuais e de uma crítica antipatriarcal.



10. *Como os cidadãos cabo-verdianos querem ser vistos pelo mundo? A senhora reconhece seu papel de divulgadora da cultura cabo-verdiana? Quais suas últimas ações na divulgação dessa literatura? Como será possível uma maior conexão entre Brasil e Cabo Verde?*

Querem ser vistos como cidadãos do mundo, ponte-entre-identidades (o arquipélago se situa na encruzilhada das rotas do Atlântico), já que, inclusive, há mais cabo-verdianos na diáspora, fora do arquipélago, do que nas nove ilhas habitadas.

A conexão com o Brasil é histórica, havendo projetos cabo-verdianos de separação da colônia de Portugal e indexação ao Brasil, quando surgiram as intenções de independência. O Brasil era considerado um irmão atlântico pelos cabo-verdianos, imagem (pasar-gadista) de independência política, econômica e literária. Hoje ainda é considerado país irmão e essa longa trajetória de afinidades é retratada na obra *Das relações históricas Cabo Verde /Brasil*, do historiador cabo-verdiano e ex-embaixador de Cabo Verde no Brasil Daniel António Pereira (2011). A troca alimentar entre a cana sacarina, do coco da Índia, do arroz e do inhame (trazidos de Cabo Verde para o Brasil) e do milho maiz (levado do Brasil para ser a base culinária de subsistência cabo-verdiana), além da abóbora, da mandioca e de alguns feijões é simbólica desse processo. O milho que o Brasil legou a Cabo Verde faz parte de sua bandeira desde a versão original, de que consta a espiga, até a atual, em que a cor amarela das dez estrelas (dez ilhas) alude àquele vegetal tão necessário à sobrevivência cabo-verdiana.

Quanto ao meu papel de divulgadora, desde 1976 estudando, lendo Cabo Verde, há quarenta e sete anos acompanhando a trajetória deste país democrático, respeitado no mundo, superando todas as vicissitudes de sua trajetória vivencial e política (ditaduras da fome e do colonialismo), estou ciente da minha responsabilidade e continuo, mesmo aposentada (reformada) atuando na ampliação dos conhecimentos sobre a cultura e a literatura cabo-verdianas e na dignificação de um país exemplar em sua rota de respeito aos direitos humanos e à vida.

Atualmente, continuo integrando o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo como Professor Sênior, colaborando também com o Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa desta mesma universidade. Cabo Verde segue sendo meu principal foco de pesquisas e atuação acadêmica (aulas, orientações de dissertações e teses, participações em eventos, publicações, entrevistas, assessorias e projetos internacionais), e destaque, no momento, a participação na equipe de *National Epics* (<https://nationalepics.com/#/>), como convidada de seus editores (David J. Wallace & Judith Rodin, University of Pennsylvania) a publicar no portal (do Penn's Price Lab for Digital Humanities) e em futuro livro (pela Oxford University Press) sobre a produção épica no mundo. Coube-me a seção Cabo Verde, sua cultura e produção épica, com destaque para a obra de Corsino Fortes.